Exame da segunda Conta a respeito dos Negocios de Portugal, dada por Mr. Champagny, *Ministro dos Negocios Estrangeiros, ao Imperador, e Rei a 2 de Janeiro de* 1808.

SEnhor: Tenho a honra de pôr debaixo dos olhos de V. Magestade a Conta, que acompanhava a proposição, que eu lhe havia feito, e que V. Magestade approvára, de despedir a Legação Portugueza, e de olhar como rotos todos os laços de Paz, que união Portugal á França. O successo provou, Senhor, quanto era bem fundada a opinião, que eu propunha a V. Magestade das disposições de Portugal, *O que succedeu em Portugal provou, que o PRINCIPE NOSSO SENHOR tomou a heroica resolução de escapar á perfidia Franceza. A Hespanha tinha promettido, que ainda era tempo de salvar esta porção da Monarchia Lusa sita na Europa, tomando-se as medidas, que aconselhava, e de que démos parte no Exame da primeira Conta. A pezar de tantas promessas o Exercito Francez entrou em Portugal de repente de* 19 *para* 20 *de Novembro de* 1807. *S. A. R. o soube em Mafra a* 23 *de manhã. Desde logo se fizerão alguns Conselhos d'Estado, e nelles foi acordado, que não havia salvação, senão no embarque para o Brazil. E que outra cousa havia suceder, vendo-se, que se faltava ás mais solemnes promessas, e que huma marcha tão accelerada, e encoberta trazia de certo fins sinistros?*

E quanto erão necessarias as medidas activas, que V. Magestade tomou nesta época, e que tão bem ajustadas forão pela rapidez da marcha das suas Tropas. *As medidas de Napolcão contra Portugal forão talvez o maior erro Politico, que ha muitos seculos se tem commettido. Imaginemos por hum instante, que as usurpações de Portugal, e Hespanha hião por diante. A America Portugueza se formava em Imperio Independente: e que partido tomaria a Hespanhola? Os ricos Paizes do Mexico, e do Perú receberião de bom animo o jugo Francez; serião Vassallos feis de José Bonaparte? Napoleão estava bem fóra de si, bem alheio da verdade, quando de tal se lembrou. Não via, que todos os Paizes sujeitos á*

240

França o estavão por força d'armas; e que aborrecião mortalmente a mão de ferro, que os opprimia? Como se podia lisongear de governar Paizes immensos, que vião a perspectiva da sua Independencia, e Felicidade, e onde apenas podia chegar algum Francez fugitivo? O Imperio, e Grandeza da America preconisados antigamente por Vieira, depois por Raynal, e por todos os Politicos hia a estabelecer-se de repente, em razão das pessimas, e impoliticas medidas de Bonaparte, que vinha desta sorte a ser o mais fatal inimigo da Europa.

Se Napoleão tomou mal as suas medidas, Junot na execução das suas ordens commetteu erros gravissimos. Em primeiro lugar não devia mandar apromptar rações nas diversas Povoações, por onde transitava. Quando muito devia mandar adiante Assentistas para terem comprado algum pão, e não muito, por não espantar, e atterrar os Povos. Cada Soldado devia trazer carne tostada para 7, ou 8 dias, que seria o tempo da Marcha até Lisboa.

Em segundo lugar, e este foi o erro mais consideravel, e mais util para nós, não devia seguir o caminho de Castello-Branco, e Abrantes; porque tinha de passar montes, desfiladeiros, immensos ribeiros, naquella Estação muito caudalosos, e sobre tudo o Zezere, que o demorou quasi tres dias. Ora se seguisse a margem meridional do Téjo, tudo era pelo contrario. O Reino tem ahi 6, ou 7 legoas de menos em largura; não tinha de atravessar nem montes, nem rios; podia mandar adiante dous Regimentos de Cavallaria, para fazerem huma ponte de barcos sobre o Téjo; porque como continuava a perfidia da boa amizade, e não havia Tropas Portuguezas, que se opposessem, tudo se executaria com a mesma facilidade, que em França. Se assim procedesse, chegava certamente a Lisboa, antes da partida de S. A. R. Nem se objecte, que ignorava se acharia alguma resistencia: o Decreto porque se fechavão os Portos aos Inglezes, e mais que tudo as informações exactas, que devia ter mandado tirar do Paiz, se fosse General mais habil, o devião certificar do contrario.

Em fim era necessario, que passasse as mais rigorosas ordens não só aos Officiaes, mas até ao ultimo Soldado para não fazerem hostilidades algumas. A rasão he clara; a fama das muitas commettidas pelos Francezes em Castello-Branco, e outras Povoações abrio os olhos á Côrte de Lisboa á cer-

ta dos seus perigos, e o Povo conhecendo a justiça dos seus sustos, ficou igualmente attonito, e não se atreveo a fazer a mais leve representação contra o embarque da Familia Real.

Junot *nem he Militar, nem Politico. Tantos erros só podião caber na cabeça de hum aventureiro tirado da relé do povo, que não tinha estudos alguns, sendo os degráos por onde subio, o ter feito companhia a Napoleão na viagem do Egypto; e na verdade os que a fizerão, forão felizes no seu Governo, ainda que nenhuns serviços tivessem feito á Republica, ainda que não tivessem capacidade alguma.*

A maneira com que o mesmo General tem governado Portugal, os infinitos vexames com que o opprimio, e a grande opinião, que tinha do seu bom Governo, e do nosso sincero amor, são cousas, que nos causarião summo espanto, senão fosse tão frequente ver unida á mais extravagante presumpção a mais crassa ignorancia. E continue ainda Mr. Champagny *a gabar as grandes medidas concebidas por Napoleão, e executadas por* Junot.

Debalde a Côrte de Lisboa para enganar a vigilancia de V. Magestade declarou guerra á Inglaterra, vinte dias depois que o Vosso Ministro sahio de Portugal, e quando seu Embaixador tinha voltado a seus lares. *E bem debalde fez S. A. R. todos os sacrificios, que erão compativeis com a sua Honra, e a da Sua Nação; e ainda que os fizesse de qualquer especie, ou natureza, que fossem, tudo seria debalde. He notavel, que o Ministro insista sobre a conta dos vinte dias: se os Portos fossem fechados vinte dias antes, escapariamos á invasão? O Monitor de 13 de Novembro, tempo em que o Exercito Francez marchava ainda pela Hespanha, nos responde, e declara os sentimentos horriveis de Napoleão nas sanguinarias palavras seguintes* = Depois destas quatro expedições, que provão tão claramente a decadencia Moral, e Militar da Inglaterra, fallemos da situação, em que actualmente deixão (*os Inglezes*) Portugal. O Principe Regente de Portugal perde o seu Throno: perde-o influido pelas intrigas dos Inglezes: perde-o por não ter querido sequestrar as mercadorias Inglezas depositadas em Lisboa. E que faz a Inglaterra, esta Alliada tão poderosa? Olha com indifferença para o que se passa em Portugal. E que fará, estando Portugal conquistado? Irá apossar-se do Brazil? Não; se os Inglezes fizerem

essa tentativa, os Catholicos os expulsaráõ. A queda da Casa de Bragança ficará sendo huma nova prova de que he inevitavel a perda de todos os que são amigos dos Inglezes. = *Tal era a sentença; mas já agora saberáõ os Francezes, que a Casa de Bragança não cahio; e que a sua vigilancia illudio as tramas, e ameaças do Gabinete Francez.*

Era evidente, que esta medida estava concertada com os Inglezes. *Champagny ignora, que a medida de fechar os Pórtos aos Inglezes foi aconselhada, e ajustada com Hespanha, e não com Inglaterra! Pois as ordens para isso emanadas de França necessariamente havião de passar pela sua mão, como Ministro dos Negocios Estrangeiros. Eu não sei, se Sua Magestade Catholica foi illudida, ou não; como os Negocios da sua Monarchia corrião pelo infame Godoy, he quasi certo, que elle sabia da perfidia, com que se aconselhava Portugal; mas tambem foi victima das promessas enganosas, que se fizerão á Hespanha, e em que elle Godoy tinha não pequena parte. Fosse como fosse, he certo, que o nosso Gabinete, por esgotar tudo, e nada ter de que se arrepender no futuro, adoptou os conselhos, e medidas propostas pela Hespanha, emanadas da França, e de que com hum descaramento inaudito se querem fazer culpados Portugal, e Inglaterra.*

Debalde ella ordenava o sequestro de suas mercadorias; Decreto a que ainda deu alguma apparencia de execução, quando as mercadorias Inglezas de qualquer valor, e os Inglezes tinhão sido postos a salvo de toda a medida dirigida contra elles: sua má fé era cada vez mais evidente. *Este § já veio por inteiro na primeira conta; lá, assim como no §. antecedente explicámos os progressos da Negociação, e démos os justos motivos do procedimento Portuguez. Só acrescentaremos huma reflexão, e he a seguinte: Se a França começou a tratar directamente com Portugal, para que no meio da negociação entrou a fazer jogar huma machina nova = o Gabinete Hespanhol =? Foi para adormecer, e enganar a vigilancia de S. A. R. A má fé da França era cada vez mais evidente.*

Ella a adiantou até ao ponto de fazer partir hum Embaixador Extraordinario (que he certo não passou das fronteiras de Portugal) no momento mesmo, em que convencida, de que V. Magestade não podera ser enganado, con-

certava sua fugida com o Ministro Inglez, e com o Cõmandante da Esquadra Ingleza; e poucos instantes antes de receber a nova deste inesperado sucesso, hum correio Portuguez trazia á Italia a V. Magestade novas protestações da adhesão de Portugal á causa cõmum; e annunciava a volta de D. Lourenço de Lima, que não sahio de Lisboa, e a chegada do Embaixador Extraordinario, o Marquez de Marialva, provavelmente enganado, como o correio, pela má fé da sua Côrte. Este desgraçado correio, chegando á Italia, depois de consumido todo o seu viatico, ahi soube com desesperação, que já não havia Governo. *Mr.* Champagny *achará a razão de tudo isto no fundo do seu coração; nelle, assim como no de todos os homens está gravada esta grande e primitiva Lei da Natureza = a esperança he a ultima cousa, que se perde =*

Esta esperança, e não a má fé produzio todos estes sacrificios. Ainda havia quem supposesse, que o fim de Napoleão era sómente a guerra maritima. Mandou-se em consequencia o Marquez de Marialva a dar a Napoleão os parabens pelas suas victorias no Norte, e D. Lourenço de Lima se dispunha a partir, para ver se havia ainda, como se explicavão, alguma taboa, onde se podesse salvar o Estado. As Pessoas que assim pensarão, não conhecião exactamente a Personagem; ella não queria acõmodamento algum; a sua alma usurpadora só se contentava com a propria usurpação: vedou a entrada a todos os Negociadores, e a todas as Negociações; o seu coração de ferro não largava a preza sem a lacerar.

Entretanto o Lord Strangford *expunha com as côres mais negras, e mais verdadeiras o perigoso Estado dos Negocios; mostrava a S. A. R. que não tinha salvação, senão na retirada para o Brazil. O PRINCIPE Nosso Senhor concordava nisso; mas protestava ao mesmo tempo, que conservaria o Posto, que a Providencia lhe confiára, se os Francezes não entrassem em Portugal: elles he que precipitarão a sua retirada; elles he que tornarão mais solida a Alliança com os Inglezes, porque nelles se achou huma lealdade a toda a prova, e nos Francezes huma perfidia sem exemplo.*

O fim destes vís artificios era evidente. Portugal fiel á causa de Inglaterra lhe pedia soccorros, e queria ganhar tempo para esperal-os. *Insigne falsidade, que já refutamos no*

Exame da Primeira Conta. Quem mandaria dizer a Mr. Champagny, *que Portugal pedia soccorros á Inglaterra? quem lhe mandaria dizer, que fazia preparativos militares? Não sabe pelo contrario, que se respondeo á Inglaterra, que propunha mandar soccorros, que não se querião, porque não havia a menor tenção de se resistir? Sabe, sabe: mas quer dizer o contrario, porque assim lhe convem; e hum descaramento em faltar á verdade publicamente tão extraordinario nunca se vio em Governo algum do Universo, como no actual de França.*

Mas os soccorros de Inglaterra tem sempre sido funestos a seus Alliados; elles não servirão ao PRINCIPE REGENTE, senão de proteger sua fuga, e assegurar a perda de seus Estados. *Os soccorros dos Inglezes tem sido funestos aos Alliados, porque quasi todas as guerras de Alliados são mal sucedidas. Cada hum leva a mira nos seus interesses particulares, e em pouco tempo se desunem: daqui a sua inevitavel perda. De mais, os Principes nunca quizerão entender, que a Politica, a Guerra, e tudo o que sabia da França era inteimente novo, e produzido pela Revolução; que os seus antigos Ministros preocupados com rotinas velhas não lhes servião; que era necessario demittil-os, e substituir nos seus lugares Homens incendiarios, de violenta energia, verdadeiros contra-revolucionarios, que oppozessem meios extraordinarios a huma Guerra, que tambem o era; nada disto fizerão, por isso se perderão.*

He tanto verdade o que acabamos de affirmar, que na Hespanha, e Portugal se verificou practicamente a expressada maneira de proceder. Organisarão-se novas Juntas de Governo, e novas molas de Administração; os Generaes, e Officiaes receberão do impulso nacional huma actividade desconhecida; os traidores forão presos, ou decapitados; alguns dos Autores de escritos públicos instruirão ambas as Nações á cerca dos seus verdadeiros interesses, deixarão as antigas formalidades, e fallarão affoutamente. Qual foi o resultado deste novo genero de medidas? A total derrota dos Francezes em ambos os Paizes. Agora já são muito uteis os soccorros dos Inglezes; se até aqui não o erão, a culpa nunca foi sua; foi dos Alliados, que não sabião fazer a guerra á França.

Quando a inteira Peninsula acabar de sacudir o jugo Francez, o que está por dias, então os Inglezes, e Hespanhoes

lembrados das victorias do Grande Capitão, e de outros Heroes immortaes, irão a Napoles, e ao resto da Italia, que será o terceiro ponto da guerra fatal aos Francezes; e se os Italianos a souberem fazer como nós, se souberem prescindir das Authoridades ordinarias, para lhes substituirem outras novas, mais energicas, e decisivas, ver-se-ha, se os socorros dos Inglezes são funestos aos Aliados, ou á França; ver-se-ha, se a Casa de Hespanha torna, ou não assentar-se nos Thronos de Napoles, e da Toscana.

O Principe Regente partio a 29 de Novembro *O Nosso Augusto Soberano transtornou com a sua Magnanima Resolução todos os planos de Bonaparte. Conta-se, que este Tyranno ao receber na Italia tão funesta noticia ficára por hum pouco mudo, e convulso de furor, e raiva, e logo assignára com letras de sangue o Decreto da Contribuição, e do sequestro dos Bens Reaes, e de todos os Fidalgos, que acompanharão o Nosso Soberano. O Decreto tinha mais Titulos, que não se publicarão; mas geralmente se affirmava serem relativos á Conscripção de 50 ♁ homens: o que he verdade he ter-se achado no Quartel dos Francezes do Convento da Graça de Coimbra huma bolsa, com letras de oiro por fóra, que dizião em Francez* = Secretario do Exercito de Portugal = *e dentro della hum Mappa da Conscripção de Portugal de 50 ♁ homens, já distribuida pelas Comarcas do Reino, e com os Officiaes Francezes nomeados para commandar os diversos Corpos de recrutas; o que prova, que o Decreto relativo á Conscripção era já muito antigo em Portugal. Já estamos livres, Graças á Providencia, Graças ao nosso valor heroico, da peste de taes Decretos.*

Nesta mesma Esquadra, que se armava, segundo se dizia; ora para fazer a guerra á Inglaterra, *A Esquadra Portugueza nunca se armou para fazer guerra á Inglaterra, senão em hum unico caso; e era defendendo o Porto de Lisboa contra os Inglezes, se acaso fossem sinceras as promessas da Hespanha, e os Francezes não viessem a Portugal; mas vierão; elles mesmos acabárão este projecto, e nos obrigárão a seguir o Partido Inglez.*

Ora para transportar ao Brazil o Principe da Beira, filho do Principe Regente, enviado a esta Colonia para embaraçar que se entregasse aos Inglezes. *A ida do Principe da Beira para o Brazil era huma medida de precaução do nosso Go-*

246

verno domestico, e com que não tinhão, nem podião ter nada os Estrangeiros. Ha muito tempo, que os Nossos Monarchas deverião ter sempre no Brazil hum Principe da Casa Real, seguindo a este respeito a Politica do Imperio Austriaco, que constitue sempre nos diversos Governos algum dos seus Archiduques; e são Governos muito mais proximos do Corpo da Monarchia.

O PRINCIPE da Beira, doce esperança do Imperio Luso, hia ser confiado aos Portuguezes d'alem dos mares, como hum deposito sagrado para o defenderem ou da Perfidia Franceza, ou das Armas Inglezas: e havião defendel-o; porque descendem assim como nós daquelles valerosos Heroes, que nos seculos 15, 16, e 17 fizerão assombrar o Mundo, e o enchêrão do Nome Portuguez. Para lá se hião retirando todos os Portuguezes, que tinhão talentos para menearem a espada, ou a pena: o Brazil seria o nosso Campo de Marte; delá haviamos voltar armados, bem differentes do que fossemos, e os Francezes, que escapassem ao nosso ferro matador, hirião com seu trabalho fertilisar as immensas campinas da Nova Lusitania. Taes erão nossos votos; taes erão os resultados da ida para o Brazil desse Menino Real, da qual Mr. Champanhy não previa as consequencias.

Mas não soffreo o coração aos nossos Generosos visinhos tanta demora; arvorárão o estandarte da guerra; investirão com os seus usurpadores; nós fomos fieis ao sinal; fomos fieis á voz da guerra; atacamos tambem os nossos, apezar das poucas armas; a Peninsula ficará livre ao mesmo tempo com pouca differença dos seus importunos hospedes.

A Casa de Bragança se entregou aos Inglezes toda inteira, com tudo o que pôde levar; A Soberana, e muito Illustre Casa de Bragança não tinha outro recurso para salvar a Si, a Gloria, e a Existencia da Nação, senão entregar-se ás ondas, e não aos Inglezes, como falsamente diz Champagny. Foi hum espetaculo magestoso ver defronte do Téjo duas grandes Cidades sobre o mar, e a Ingleza soccorrendo a Portugueza de tudo o que a precipitação da jornada não tinha deixado aprompтar, e destacando além disso algumas Náos para acompanharem S. A. R. Isto foi patente, e apezar disso os Francezes, e seus malvados Partidistas tiverão o descaramento de dizer em Portugal, que o Nosso PRINCIPE tinha sido con-

duzido por força aos Pórtos de Inglaterra. Entretanto a Esquadra Portugueza sulcava os mares do Sul, e a famosa Cidade do Rio recebia com transportes de alegria, que aproximavão da Apotheosis, o seu adorado Monarcha; e todos os fieis Vassallos que o acompanharão, forão igualmente agazalhados magnificamente por seus antigos irmãos; porque bem longe de levarem muitas cousas, quasi todos hião faltos de tudo; e S. A. R. levou sómente o que era patrimonio de Sua Casa, e deste mesmo lhe ficárão bastantes riquezas, que servirão depois de espolio indecente a Junot, Laborde, Loison, e outros muitos.

E o Brazil não será mais, que huma Colonia Ingleza. *Dos immensos Paizes do Brazil he que Mr.* Champagny *diz, que serão huma Colonia Ingleza! Ignora por ventura, que se extendem desde a Linha até 35 grãos de Latitude Austral? Que comprehendem até ao Tropico de Capricornio os ricos generos dos Paizes quentes, e deste até ao Rio da Prata os dos Paizes temperados, e todos com huma variedade, riqueza, e profusão desconhecidas nas outras partes do Mundo? Ignora que a sua população he já de cinco milhões de habitantes, e será em poucos annos tripla, ou quadrupla? Lance os olhos sobre a Carta, e verá este vasto Imperio, situado no centro do Globo, coroado de montanhas, retalhado de muitos, e grandissimos rios, povoado de matas virgens, e innumeraveis, com hum terreno muito elevado acima do Oceano, e não areento (circunstancias, que faltão quasi todas á Africa) emfim com todos os dotes da Natureza para ser, como he já, e melhor o será em poucos annos, hum dos primeiros do Universo. A Africa, que tão visinha lhe fica, e de cujas Costas agora seremos mais senhores, a India, cuja viagem se pode fazer do Rio, sem escala, o Perú, e o Mexico, a Europa inteira, que não pode produzir quasi generos alguns Coloniaes, todos os Paizes em fim do Universo estão offerecendo pela sua situação, e pelas suas necessidades seus tributos ao Imperio da Nova Lusitania. Este ultimo nome foi dado a estes Paizes pelo Senhor* D. João III., *que teve lembranças de hir estabelecer a sua Côrte na Bahia; o mesmo conselho deu Alexandre de Gusmão ao Senhor* D. João V.; *sabe-se que na guerra de 1762 o Senhor* D. José *tinha huma Esquadra prompta para se transportar ao Brazil, se a campanha fosse infeliz. Dizer-se de hum tal Imperio, que será Colonia*

Ingleza, parece impossivel. Se os Francezes o conquistassem; quão diversa seria sua lingoagem!

Portugal está em fim livre do jugo de Inglaterra; V. Magestade o occupa por suas Tropas. *Jugo de Inglaterra! He provavel, que fosse de ar, porque nunca o sentimos: nunca occuparão com suas Tropas nossas Fortalezas: nunca nos puzerão Contribuições: nunca despacharão Intendentes de Policia, nem Corregedores Móres, etc. etc.*

Se os Francezes querem dar esse nome ao Cõmercio Inglez em Portugal, confundem muito os nomes ás cousas, e de mais enganão-se manifestamente. Nós trocavamos generos por generos, e muitas vezes a balança do Cõmercio era ainda a favor de Portugal. Concordamos, que podiamos fabricar no nosso Paiz muitas cousas, que vinhão não da Inglaterra só, mas da França, e Italia, etc. mas fabriquemo-las, e não as compremos, que ninguem nos poem obrigação, ou jugo para isso. Mas já que tocámos neste objecto de si summamente interessante, e extenso, faremos a seu respeito duas breves reflexões: 1.ª Portugal, sendo Paiz de Meio-dia, não póde estabelecer a força do Commercio, senão com Paizes do Norte, isto, he com Inglaterra, e depois com o Norte da Alemanha, com o Baltico, e não com França: 2.ª deste ultimo Paiz poucos generos uteis nos vem; quinquilharias, rendas, tapessarias, etc. são as suas principaes fazendas; e ás vezes agoas ardentes, que já hum dos annos antecedentes arruinárão os nossos Lavradores de vinho.

Elle foi deixado sem defeza da banda do mar, e huma parte dos Canhões de suas Costas foi encravada. Assim a Inglaterra as ameaça actualmente, bloqueia seus Portos, quer assolar suas praias. *Apenas foi encravada huma pequena bataria, que em poucas horas se podia renovar com outras peças: a defeza da banda do mar ficou no mesmo dia no pé antigo. Os Inglezes continuárão a bloquear os Portos, porque os Francezes estavão senhores delles, e he necessario tirar a seus inimigos os meios de se engradecerem. As hostilidades commettidas nas Praias são imaginações de Mr.* Champagny, *que nunca se realisarão.*

A Hespanha teve seus sustos por motivo de Cadix, e tambem de Ceuta. Os Inglezes parece quererem dirigir para

esta Parte do Mundo suas expedições secretas. Desembarcarão muitas Tropas em Gibraltar, chamarão para esta Costa as que forão expulsas do Levante, e huma parte das que tinhão acumulado em Sicilia. Seus crúzadores sobre as Costas d'Hespanha se tornão mais vigilantes. *He preciso lêr vinte vezes este artigo, para nos capacitarmos do mesmo, que estamos vendo. Huns poucos de milhares de Inglezes havião atacar o Corpo da Monarchia Hespanhola? E Napoleão tinha susto a esse respeito? Não parecia tão assustadiço. Porém os Hespanhoes derão a melhor reposta, que podião dar aos seus sustos: atacarão, e destroçarão os Exercitos Francezes, para lhe ensinar a ter mais contemplação com a Honra das outras Nações, e não as envilecer tão pública, e solemnemente.*

Parece que se querem vingar neste Reino dos revezes, que soffrêrão em suas Colonias. Merece pois toda a Peninsula fixar a attenção de V. Magestade. *Dous fins teve esta segunda Conta de* Campagny: *1.° gabar as medidas de Napoleão contra Portugal, para o consolar a elle, e á Nação Franceza, do máo exito da expedição; porque com a retirada de S. A. R. perderão o apossarem-se desta Augusta Familia, e de hum Infante d'Hespanha, que cá tinhamos; perderão as nossas ricas, e vastissimas Colonias; perderão a nossa Esquadra, e as riquezas patrimoniaes de S. A., e a Posse mesma deste Reino era bem precaria, e quasi nulla, existindo o seu Legitimo Senhor, e existindo Rei de hum tal Imperio; precisava de huma Apologia bem estudada esta desgraçada invasão.*

O 2.° fim da Conta he abrir o caminho para o ataque, e usurpasão da Hespanha. E como o Gabinete das Thuilherias não sabe outro meio para chegar ás suas Conquistas, senão o susto das invasões Inglezas, imagina sustos de taes invasões nas partes mesmo, onde he de summa evidencia não poderem ter lugar. Dissipou-se a illusão: agora he que S. Magestade tem bastante necessidade de fixar a sua attenção sobre a Peninsula, e duvido bem, que veja cousa, que lhe agrade.

Eu julguei devia expor-lhe este estado de cousas, sua Sabedoria lhe dictará as medidas, que elle puder exigir. París 2 de Janeiro de 1808.

Assignado *Champagny.*

Nem

Nem nisto falla verdade Mr. Champagny. *Primeiramente Napoleão insinua o que se deve escrever, e nenhum dos Secretarios lhe expõe, senão o que elle manda, que lhe exponhão. O seu espirito quer abarcar tudo; daqui tantos erros; o seu coração quer usurpar tudo; daqui tantos crimes.*

Coimbra 4. de Agosto de 1808.